



A SR.ª D. CRISTINA BORDALO PINHEIRO, distinta amadora de canto
(Clotilde Nobone).

II Série—N.º 420

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 9 de Março de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-
 guezas e Hespanha:

Redacção, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2640 cent.

Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.



Eleto-maçagem das costas por uma outra pessoa, cuja mão livre forma circuito

"ZODIAC"

APARELHO DE ELETRO-MAÇAGEM

Desaparecimento das rugas

TRATAMENTO ELETRICO DAS DOENÇAS

Não precisa ser carregado de novo
Sempre pronto para uso
Produz a sua propria electricidade
Cura numerosas doenças

O melhor, o mais barato
O Eleto-Dinamo medico mais eficaz
inventado até agora
Tratamento aprovado e recomendado
pelas sumidades medicas

Preço do aparelho com todos os acessorios e porte: 12 escudos.

Dirigir os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, ao representante exclusivo para a venda em Portugal:

Mr. de Smedt, 26, rue Norvins, Paris

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Comprem os
Bordados

Schweizer

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suizo sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas nòvidade. Peçam, a nossa colleçção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa



SE SOFFREIS DO ESTOMAGO

Se vos queixais de acidez, regorgitações, palpitações, somnolencia, debilidade geral, submetel-vos ao regimen do delicioso

PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

e em poucos dias todos os incomodos terão desaparecido por completo

Phoscao é o alimento ideal dos anemicos, dos corcovados, dos convalescentes, dos velhos. E' dez vezes mais nutritivo que a carne

REMESSA GRATUITA

De uma caixa para experiencia

Deposito: FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hespanha)
Mercearias, Pharmacias e Drogarias

Direitamente da Suissa
sederias

Schweizer



Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suissa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e còr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E 11 (Suissa)
Exportação de sedas.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

9-3-1914

N.º 420

Rafael, Van Dyck, Rembrandt, etc.

Um colecionador arqui-milionario e arqui-louco acaba de adquirir uma Virgem, de Rafael, por 700 contos. O retrato de Paula Aborno, de Van Dyck, que fazia parte da coleção



Aberhorn, recomprado por 400 mil dollars para o norte-americano Frick. Outro yankee permitiu-se, ha poucos dias, o luxo de pagar trinta e seis contos por uma cabeça de velho, de Rembrandt, e vinte e cinco contos por um retrato da condessa de La Mothe, de Reynolds. Ha, evidentemente, uma alta. Provirá ella, como quer affirmar-se, da hypersensibilidade esthetica de *Uncle Sam*,—ou será uma simples alta artificial, expressão transitoria do snobismo do norte-americano, civilisado á *outrance* e, por conseguinte, *parvenu*?

O Espartilho

Os ditadores da Moda querem abolir o espartilho. E' a evangelisação do regresso ás linhas naturais, ás curvas fortes, á gloria esplendida e liberta dos flancos e dos ventres. A beleza da mulher não pôde estar sujeita, por mais tempo, a compressões violentas que a perturbem, que a deformem e que a esterilizem. Abaixo todos os instrumentos tradicio-



naes de compressão,—desde o *anamascalisteron* até á *fascia*, desde o espartilho de ferro do seculo XVI até ao grave *Torcheboeuf*, sem ventre e sem ancas! A melodia das formas classicas resurgirá na carnacção luminosa e livre da Eva ultra-moderna. D'aqui para o futuro, só terá o direito de parecer elegante quem realmente o seja. E' o triunfo indiscutível do osso. E' uma conspiração das mulheres magras contra as mulheres gordas.

Exposição ulissiponense

A Associação dos Arqueologos, pela iniciativa intelligente de José Queiroz e de Gustavo de Matos Sequeira, acaba de organizar uma curiosa exposição ulissiponense. A Lisboa dos seculos XVI, XVII e XVIII surge, diante de nós, nos livros, nos manuscritos, nas gravuras, nos panoramas, em todas as manifestações da industria alfacinha—desde a ourivesaria até ao mobiliário, desde os tapetes até aos presépios, desde as faianças até ás cartas de jogar. Semelhante iniciativa encerra uma alta e nobre lição. Não apenas a lição historica e arqueologica; mas a lição civica. Como ainda ha pouco disse Paul Hervieu a respeito da Inglaterra, só são grandes as nações onde é possível o culto da tradição.



Arvores

Já hontem se realisou em algumas escolas a festa da arvore. As creanças, pela voz amigã do professor, aprendem a amar na arvore—o fruto, o abrigo e a sombra. A velha frase de Ruskin não é apenas verdadeira para a arte: a vida inteira é uma adoração. No sofrimento da arvore humanisada, no misterio feccundo das raizes, no gesto patriarcal dos tron-



cos e das ramadas, na benção rumorosa dos pinhaes negros tremendo no oiro fluído dos poentes, na espiritualidade dos altos cedros, na dor dos azinhos convulsos crestaçados do sol vivo da charneca,—quanto equivalente humana que na vida da arvore só a voz de um poeta saberia ensinar ás creanças!

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manoel Gustavo).

A MOR QUE MORRE



Na doçura da tarde expirante, como uma flôr de ouro e de luz que desfalece, Henrique foi sentar-se no jardim, sob uma frondosa magnolia que das suas folhagens e das suas corôlas deixava cair brandamente a frescura, o silêncio e o aroma. A paz ambiente era profunda e consoladora e o azul dos altos céus desmaiava, colorindo-se de tons de fogo e de pérola para as bandas do poente.

Estava então na aldeia, onde queria passar saborosas, despreocupadas semanas de socego para descansar da agitação nervosa e violenta da vida cittadina: e os seus olhos encontravam um indizível encanto nas fôrmas e nas côres da natureza envolvente, na poesia e na beleza das paisagens resplandecendo á claridade, nos costumes simples da boa e ingenua gente do campo. N'esse fim de tarde romantica, sob a magnolia que a brisa cobria de murmurio, Henrique folheava indolentemente um romance francez «Historia de uma paixão», que o ultimo correio lhe trouxera, e a sua imaginação perdia-se na saudosa lembrança de amôres antigos que á sua vida emotiva tinham dado alguma ventura. Por entre as grades do jardim via passar as fartas manadas de bois de pêlo fulvo, que voltavam dos pastos tangidos pela agulhada de zegaes descalços.

Ao longe, entre os trigaeas, cantavam as ceifeiras e o crepusculo baixava lentamente mergulhando a terra n'um intimo recolhimento. Henrique experimentava, pela primeira vez, o enlevo inspirador, o afago da hora rustica que o apasiguava e afinava a sua facultade de sentir e de comprehender. Inesperadamente, porém, a voz de Batista, um criado fiel que trouxera da cidade, chamou-o:

—Menino, está aqui o homem do telegrafo!...

—Ele o que quer, Batista?—interrogou Henrique, erguendo-se surpreendido.

—Diz que traz um telegrama.

—Um telegrama?

—Sim!... É urgente!

—O diabo, então o caso é sério...

Pousando o livro, Henrique dirigiu-se ao portão do jardim, abrindo-o e impacientemente pegou no telegrama que o distribuidor, de *bonet* na mão, lhe estendia.

—Batista, dá um copo de vinho a este senhor!...

—Muito obrigado!...

Quando novamente ficou só, Henrique rasgou o *enveloppe* e temendo que o despacho insperado lhe annunciasse más novas acerca da mamã, piedosa senhora devota que não quizera deixar a sua vivenda urbana e que errava pelos longos

corredores, embrulhada n'um chaile de lã, como uma sombra que se diluia, foi logo vêr a assinatura.

Suspirou de alívio. O telegrama não era da mãe, mas de Pedro de Menezes, um jovial camarada de esturdius.

—Que me quer este excelente Pedro e com tanta pressa?—monologou Henrique.

Mais sosegado e com o papel entre os dedos tremulos, leu estas palavras:—«Vem já. Maria da Luz está a morrer. Antes de fechar os olhos para sempre, deseja vêr-te e falar-te». Tornou a lêr, comovidamente, o telegrama que lhe annunciava um acontecimento bem doloroso para a sua alma e, por instantes, abateu-se sobre o banco de pedra escondendo a face nas mãos e reavivando penosas recordações longinquoas.

—Pobre rapariga, coitada!...—exclamou.

Recuperando a energia que aquela triste novidade amolecera no seu organismo, Henrique levantou-se, entrou no seu quarto onde Batista acendia o candieiro, ordenando:

—Vae dizer ao Manuel que aparelhe o meu cavallo...

—O menino sáe?

—De certo... E olha, talvez não volte hoje. Tenho muito que fazer...

—O telegrama é bom ou é mau?... Vejo-o tão palido.

—É mau, homem! Mas não te demores, não fiques aqui a tagarelar... Vae, enquanto eu mudo de fato...

Pouco depois, Henrique galopava pela estrada fóra, que uma lua redonda e branca de balada iluminava. As arvores projetavam no chão sombras alongadas e moveçidas e casaes e granjas aninhadas pelos vales adormeciam sob a benção pura do luar. A solidão era apenas quebrada d'onde a onde pelo referver das aguas nos açudes ou pelo ruido monotono das azenhas.

Durante o caminho, Henrique ia relembando melancolicamente essa Maria da Luz que estava agonisante e que ele tinha conhecido em plena mocidade e em plena beleza, em anos ditosos. Tinha uns cabelos ondulantes e negros, um rosto muito branco e uns olhos d'um preto liquido, langorosos, tentadores em que refloriam promessas. O seu perfeito corpo era de estatua e parecia haver sido modelado por um escultor que nada ignorasse das plasticas harmoniosas.

Maria da Luz fóra a sua tortura, a sonhadora illusão da sua adolescencia, o terno e amargo cuidado do seu amor antigo: e os rapazes da sua geração atiravam-lhe inconsideradamente ao rega-

Co, por um simples beijo, a dignidade e a fortuna, comprometendo-se e infamando-se. Era friainsensível, ironica: tinha um modo cinico de interromper com gargalhadas ácidas e cortantes, as confidencias dos que a sua formosura rendia, e Henrique sempre pensara que aquela mulher se mantivera refratária ao lume de todas as adorações sinceras. Vendia-se por dinheiro, mas a sua sensibilidade não intervinha n'este commercio vil. Apezar d'isso, tambem ele a tinha amado, com veneração, com febre, com fina constancia, até ao dia em que aconteceu um drama sanguinolento que ainda agora a fazia estremecer de horror e de amargura. Esse drama fôra o suicidio de Jorge, que partira o craneo com a bala d'um revolver quando Maria da Luz, sabendo-o arruinado, o repelira zombeteiramente, declarando-lhe que o luxo, a opulencia indispensaveis á radiação da sua beleza diabolica se não sustentavam unicamente com afetos calorosos, mas com ouro. Jorge, antes de se matar, pretendeu redimil-a de escravidões humilhantes oferecendo-lhe, com a sua mão, o seu nome. Maria da Luz riu humoristicamente exclamando:

— Meu caro, não sinto vocação para dona de ca-

sua o encanto indissolvel dos anjos despenhados que vão sobre a lama de todas as miserias e de todas as gangrenas gritando as fatalidades d'um destino inexplicavel e que conservam, apezar d'isso, alguma coisa de muito veneravel, de muito casto, de muito candido na sua alma!

E estava a morrer, essa linda criatura que fizera a iluminura maravilhosa da gracilidade feminina no seu tempo! Que poderia ela dizer-lhe que a levasse a absolve-la e a perdoar-lhe o mal que lhe fizera a ele proprio e a Jorge, sacrificado sem hesitações aos seus caprichos? Suspeitava de qual-quer confissão terrivel, guardada secretamente e com ciume durante tempos sombrios de tempestades moraes e que fosse a explicação da sua frieza, do seu cinismo, do seu fulgurante sarcasmo...

Ah! essa frieza, esse desdem, tinha-os Henrique sofrido bem dolorosamente, porque Maria da Luz, que se entregava a todos os homens que á sua porta batiam, com um punhado de ouro na mão, nunca se entregára a ele, escarnecendo-o com furia, escorraçando-o com rancôr, chamando-lhe ingenuo e infantil. Henrique relembra agora, nitidamente, o que Maria da Luz lhe dissera, na derradeira vez em que com ele falou: Curvando-



sa. Que é que a tua miseria d'hoje poderia trazer-me com o casamento? Um lar, uma familia, a fome, a consideração das pessoas que não me conhecem, uma perpetua mentira social? Bom Deus! Quantas banalidades!...

E como ele a olhasse, desvairado, com a garganta sufocada de soluços, Maria da Luz atalhou bruscamente:

— Nada de cenas inuteis! E' melhor rompermos, acabarmos com isto!... Tu deste-me a riqueza que herdaste de teus paes, eu dei-te em troca a minha juventude e a minha carne. Foi uma reciprocidade de serviços... Creio que estamos quites.

N'essa mesma noite Jorge, desvairado, desfechou um revolver na cabeça, sumindo-se no covil ermo d'um cemiterio: e Henrique, que fôra o companheiro d'aquella mocidade tragicamente interrompida, nunca mais quiz vêr Maria da Luz, a causadora consciente do desastre irreparavel. No entanto, jámais poudes esquecer a sua graça extranha, o misterio dos seus olhos enigmaticos que oprimiam a recordação e que perscrutavam o segredo mais fundo dos corações. Ela era uma esplendida floração carnal, a mais bela obra de arte humana e amada que tinha contemplado, pos-

se, sorridente, sobre a sua frente abrazada, perguntou-lhe:

— Que é que o senhor vê em mim?... Responda francamente.

— Uma adoravel mulher que é a minha paixão, o meu sonho, o meu tormento constante!...

— E não vê mais nada?

Maria da Luz interrogava-o muito séria, com um brilho de fogo no olhar, esperando ansiosamente a resposta.

— Que quer que eu veja mais? Pois não lhe basta esta minha admiração, este meu culto? A sua vaidade não fica ainda satisfeita?...

— De certo que não!...

— Houve um momento de pausa, que oprimia Henrique. Maria da Luz, brincando com o leque que tinha no regão, murmurou n'uma voz que parecia vir de muito longe:

— Afinal, os homens, mesmo aqueles que nós, pobres mulheres, julgamos mais inteligentes, não vêem nada... Oh! são de uma miopia, de uma cegueira, de uma falta de subtilidade!...

Rindo desdenhosamente, Maria da Luz bateu com o leque no hombro de Henrique, dizendo:

— Sabe uma coisa? A sua presença fatiga-me.

Deixe-me só e não torne a procurar-me. E' a maior fineza que pôde fazer-me...

Então ainda Jorge estava vivo, gastando com Maria da Luz os ultimos contos de réis: e ela, como se quizesse exacerbar mais a sua crueldade, ameaçou:

—Se continúa a perseguir-me, contarei ao seu amigo esta traição!

—Tudo isso já lá ha muito longe; e Henrique, revolvendo na memoria estes velhos episodios, durante a jornada, monologava:

—Que quererá ella, a dois passos da morte, a um adorador que outr'ora desprezou com tanto ódio?...

A estrada rompia agora atravez de uma vasta planície polvilhada pela neve resplandecente do luar. Os arvoredos, na solidude, tinham attitudes singulares de quem escuta. O silencio era profundo. Inesperadamente, luzes longinquas, ardendo, faúlhando na noite como pontos de ouro, acordaram Henrique da sua *réverie*. Estava perto da casa campestre em que Maria da Luz se refugiára, ao adoecer. Pedro devia esperal-o, certamente. O desabrido galope do cavallo sobre as pedras despertava os cães de guarda, que latiam aos portões de ferro das quintas solitarias. Entrando na povoação, Henrique abrandou a marcha, dirigindo-se para a desolada vivenda onde Maria da Luz agonisava, velada por uma enfermeira, quasi só, ella que antigamente tivera uma tão numerosa e gentil corte de vassallos, como rainha da graça e da formosura.

Chegou. A habitação da enferma era baixa, com um largo beiral onde os pombos arrulhavam, durante o dia. Sobre o muro que a cercava, caía um ramo de glicínias brancas. Pedro conduziu-o logo ao quarto de Maria da Luz, que arquejava, no leito, encostada a grandes almofadões. O seu corpo mirrado tinha, debaixo das roupas, o volume de uma criança. Havia no ambiente um cheiro particular de febre e de medicamentos. A pouca vitalidade que restava á doente parecia concentrada nos olhos, negros, profundos, meigos, que reluziam, iluminando-lhe de claridade o rosto macilento e emagrecido. Henrique aproximou-se de Maria da Luz, com uma infinita piedade no coração por essa flor que tinha conhecido tão viçosa e radiante e que o sofrimento fanára: e como a olhasse com espanto e comiserção, ella segredou, baixinho:

—Sou eu, com effeito!...

Eshocou levemente um gesto, para que os deixassem sós e depois, continuou penosamente:

—Ainda bem que veiu... Agradeço-lhe a bondade... Será esta a ultima vez que o importuno!...

—Não, ha de curar-se!... Verá!—exclamou Henrique, com lagrimas nos olhos.

—Não me iluda... De resto, a morte não me aterra e estava cansada da vida, que para mim foi bem amarga...

Henrique queria falar, consolá-la com a esperança de dias melhores, mas ella, fazendo-lhe sinal para que se calasse, pediu:

—Dê-me a sua mão... Assim!... E' tão bom a gente saber que tem na existencia um affeto... Veja como me abandonaram, a mim que gastei a mocidade com os outros!...

Interrompeu-se um momento, abalada pela tosse, para recomçar:

—Mas para que servem as lastimas?... Eu não o mandei chamar, para contar-lhe as minhas desgraças, mas para revelar-lhe um segredo de que nunca suspeitou e que eu não quero levar para a morte.

A sua mão fez uma pressão mais doce na mão de Henrique:

—Sabe porque eu desprezei sempre as suas ofertas, aceitando as dos outros? Não sabe!...

—Não, certamente!

—Ai está a razão porque um dia lhe disse que os homens não vêem nada!... Nunca me entregueia o senhor, porque o amava e porque este amor foi o primeiro e o ultimo!...

—Maria da Luz!...—bradou Henrique, levantando-se.

—Socogue, não se exalte! Eu era uma triste mulher pertencendo áqueles que não amava; e por um capricho que ainda hoje não decifro, não quiz pertencer ao unico homem que verdadeiramente amei! Porquê?... Porque, no meu sentimento, o considerava diferente dos outros. E o senhor nunca me compreendeu! Odiou-me, talvez!... Acabou-se! Fiz-lhe mal, mas tambem padeci afflivelmente. Perdô-me!...

—Oh! meu amor!...

—Um beijo!... Dê-me um beijo, se lhe não repugna beijar um cadaver!...

Henrique beijou-a demoradamente, na boca, como se quizesse sorver-lhe toda a alma, que se apagava.

—E agora vá!... Poucas horas terei de vida, mas lembre-se d'esta desgraçada!

—Não! Ha de viver!...

—Vá, por Deus... Acendeu-se uma luz nova no meu espirito! Sinto-me tão bem!... Este segredo queimava-me! Que medo eu tive de morrer sem lh'o confessar!... Mas vá, chame a enfermeira. Agora a sua presença faz-me sofrer!... Adeus para sempre!...

Alvorecia a manhã e Maria da Luz morreu ao romper do sol.

JOÃO GRAVE



Uma linda festa na India



Realisou-se em Góa uma festa que além de ser deveras simpática pela intenção que a ditou, se tornou notavel pelo cumbo de requintada arte que o fino e culto espirito da gentilissima senhora, que a promoveu, lhe soube imprimir. Referimo-nos á recita que se fez graças á generosa iniciativa da ex.^{ma} sr.^a D. Clotilde Ferreira Pinto Basto Couceiro da Costa, esposa do sr. dr. Couceiro da Costa, illustre governador d'essa colonia, em beneficio da *Assistencia aos indigentes e á infancia de Góa*, tendo dado um produto liquido de cerca de 1 conto de réis.

A concorrência foi extraordinaria, vendo-se na plateia mais de 500 pessoas que representavam quanto ha de seletto e distinto na sociedade indo-portuguesa e que acorreram ao convite da distinta promotora, não só no empenho de contribuir para o fim altruista a que se destinava o produto do espetaculo mas ainda, impellidos pelo interesse que no publico despertára a representação de uma das peças

mais finas e elegantes do teatro portuguez.

Poz-se em cena a comedia de Marcelino Mesquita *Peraltas e Secias*. E para quem a conhece, basta-lhe o mero titulo da peça que é uma critica delicada e subtil da sociedade devota e cretinizada do tempo de D. Maria I para aquilatar a soma de esforços que foi necessario empenhar, as aptidões artisticas que foi preciso reunir e as boas vontades para cujo concurso se tornou indispensavel apelar, a fim de se levar a efeito n'um meio falho de recursos, uma representação teatral tão custosa e fina como essa peça, de maneira que o seu desempenho foi de deixar satisfeitos os mais exigentes. O vestuario que era dos mais luxuosos, podia pela elegancia, pela riqueza e pelo rigor de adaptação, figurar, sem sombra de favor, em qualquer guarda roupa dos suntuosos e elegantes, só por si bastando para marcar por uma forma distinta a recita que deve ter deixado repleto de contentamento o coração da illustre promotora d'esta bela festa.



1. O minuetto dos *Peraltas e Secias*.—2. Os pares do minuetto e os interpretes da peça de Marcelino de Mesquita.



Depois da recita promovida pela sr.^a D. Clotilde Couceiro da Costa em beneficio da Assistencia aos indigentes e infancia desvalida de Gôa:

No 1.^o plano da esquerda para a direita: 2.^o tenente de marinha Bobela da Mota, «mademoiselle» Maria Eugenia Faure da Rosa, «mademoiselle» Maria Clotilde Couceiro da Costa, «mademoiselle» Carolina Macedo Tito de Moraes, Coronel Silva Gramate, «madame» Ema Rodrigues da Silva, «mademoiselle» Fernanda Paulina, Juiz da Relação dr. Peixoto de Oliveira e

Souza—2.^o plano: Inspetor de Agricultura Cezar Mendes, capitão da Administração Militar Rocha Gaspar, 1.^o Oficial de Fazenda Assa Castel-Branco, Tenente Carlos da Costa Alvares, alferes de cavalaria Roque de Aguiar, Inspetor de fazenda Pinto Crisostomo, Juiz de Direito, Eduardo Barbosa, diretor geral dos correios Raul de Azevedo, diretor das obras publi-

cas capitão de engenharia G. Cabral, capitão chefe do estado-maior Faure da Costa, dr. delegado Correia de Aguiar, capitão Artur M. Sequeira, dr. delegado L. Veiga, tenente Liborio Neto. —No 3.^o plano da esquerda para a direita: estudante Rui Couceiro da Costa e tenente Almeida de Eça.

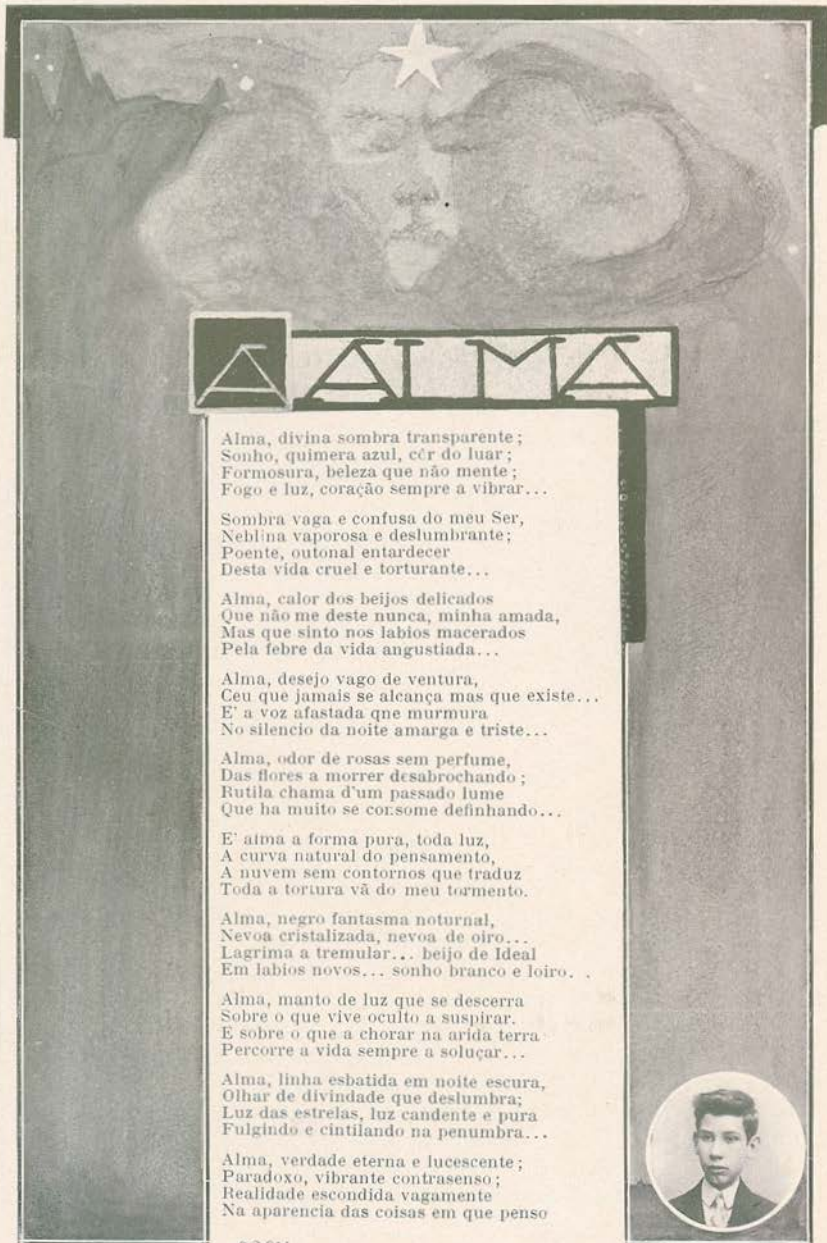
As inundações em Santarem



1. A estrada da Tapada a Almeirim inundada.—2. Um trecho do lugar da Tapada inundado.

Todos os anos Santarem sofre a inundação das águas do Tejo quando as chuvas fortes engrossam o rio extremamente.

Este ano a cidade e seus arredores passou pelas mesmas provações formando comtudo a agua, n'alguns pontos, trechos de pitoresco e de rara beleza.



A ALMA

Alma, divina sombra transparente ;
Sonho, quimera azul, cêr do luar ;
Formosura, beleza que não mente ;
Fogo e luz, coração sempre a vibrar...

Sombra vaga e confusa do meu Ser,
Nebulosa vaporosa e deslumbrante ;
Poente, outonal entardecer
Desta vida cruel e torturante...

Alma, calor dos beijos delicados
Que não me deste nunca, minha amada,
Mas que sinto nos lábios macerados
Pela febre da vida angustiada...

Alma, desejo vago de ventura,
Ceu que jamais se alcança mas que existe...
E' a voz afastada que murmura
No silencio da noite amarga e triste...

Alma, odor de rosas sem perfume,
Das flores a morrer desabrochando ;
Rutila chama d'um passado lume
Que ha muito se corrompe definhando...

E' alma a forma pura, toda luz,
A curva natural do pensamento,
A nuvem sem contornos que traduz
Toda a tortura vã do meu tormento.

Alma, negro fantasma noturnal,
Nevoa cristalizada, nevoa de oiro...
Lagrima a tremular... beijo de Ideal
Em lábios novos... sonho branco e loiro...

Alma, manto de luz que se descerra
Sobre o que vive oculto a suspirar.
E sobre o que a chorar na arida terra
Percorre a vida sempre a soluçar...

Alma, linha esbatida em noite escura,
Olhar de divindade que deslumbra ;
Luz das estrelas, luz candente e pura
Fulgindo e cintilando na penumbra...

Alma, verdade eterna e lucescente ;
Paradoxo, vibrante contrasenso ;
Realidade escondida vagamente
Na aparência das coisas em que penso



6-2-911.

COSTA E SILVA.

Sr. Costa e Silva

Exposição de caricaturas no Salão da "Ilustração Portuguesa"

Antes de ir para o Brazil, quiz Correia Dias, o artista de Coimbra que com A *Rujada* firmou seus creditos de ornamentista eximio nos segredos de fazer rir o vasio das paginas e o



Augusto Rosa

vasio das paredes. dar a Lisboa uma amostra rapida da obra que se propõe levar Alem-Atlantico, que marca inconfundivelmente o temperamento delicado e originalissimo d'um decorador humorista.

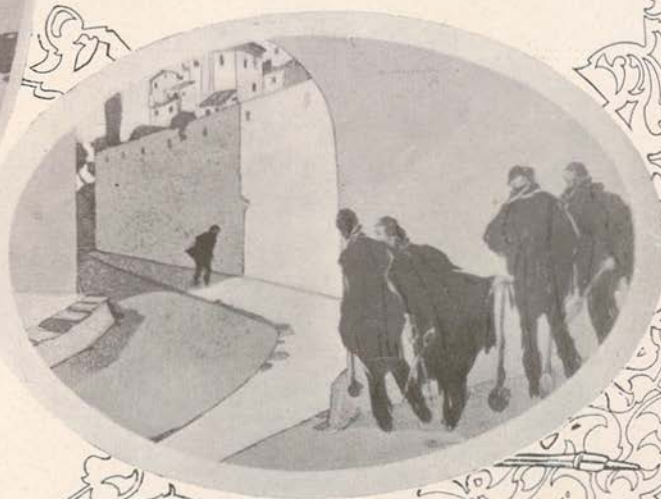
E em boa hora o pensou pois raramente se conseguirá tão segura intenção decorativa e tão enternecida visão das coisas como a que resalta dos trabalhos expostos no Salão da *Ilustração Portuguesa* e que receberam o unanime e caloroso elogio de quantos criticos d'arte os admiraram.

Modelando, fazendo *charge* ou deixando-se tentar por essa arte novissima de requintes que é o desenho dos corpos feminis, agora mais que nunca embriagando os olhos dos artistas de ineditismos, cursos e graças entresonhadas, o artista tem sempre em mira, ao mesmo tempo que satisfaz a sua sensibilidade, prender a dos outros no encanto do colorido e na estili-



Costume coimbrão: No Choupal.

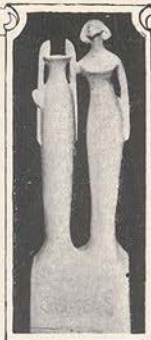
sação graciosa das mais dificeis ironias e dos grotescos mais contundentes. E' essencialmente um



Costume coimbrão: Uma troupe.

delicado, e assim o seu lapis, as suas mãos e a sua pena traçam e modelam com a bondosa leveza de quem não procura fixar os aspectos macabros e antes, se preocupa em dar-nos quasi sempre figuras que a nossa simpatia escolhe para uma galeria excepcional de arte muito querida.

Eu não sei quem tão novo haja conseguido realizar tanto, longe da escola de sugestões que para um artista d'esta especie se me



Corpo d'anfóra (Barro).

dar largas esperanças. Ora n'um paiz pequeno onde o genio incompreendido como que atingiu culminancias de simbolo, ter talento e trabalhar é ter jus á consideração de toda a gente.

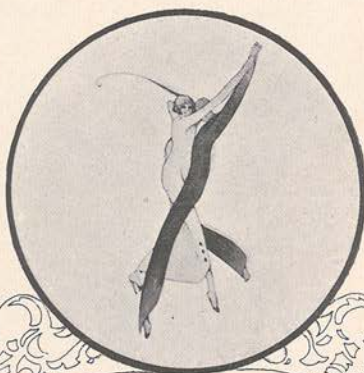
Correia Dias que enriquece a arte nacional com a sua obra de beleza e primor pertence a uma geração que triunfa e se impõe exuberantemente na caricatura e na decoração com Cristiano Cruz, o mago do lapis, Almada Negreiros, um encan-



Correia Dias no seu atelier com seu pae

afiguram as grandes captaes.

Difícilmente alguem poderia á força de imaginação vaporisar tanto a esvelteza de corpos a que só a fantasia dos artistas anda afeita. E sobretudo quero crer que ninguém como ele se abalançaria a um excesso de trabalho que á sua fraqueza física não é muito de moldea



tador de corpos e atitudes, Luiz Filipe, o elegante cronista, Stuart Carvalhaes, um perdulario de talento, Hipolito Colomb o comentador audaz e Jorge Barradas o mais moço e malicioso dos humoristas.

O artista de Coimbra mostrará ao Brazil como a velha raça floresce em re-

Com a legenda á vontade...



Evocação



Meditando



3. O poeta Afonso Duarte.



quintados temperamentos e como o espirito, a graça, a ironia, a mulher e o sonho fazem ainda do nosso meio artistico um dos mais originaes e interessantes. A exposiçao de Correia Dias é

no meio madraço e maldizente de Lisboa uma lição e uma revelação: uma lição de indefetivel beleza e revelação de rarissimas fa-culdades de trabalho

A. S.

4. O poeta brasileiro Alvaro Moreira. — 5. No casino (Barro). — 6. Mimi Aguglia. (Clichés de Benollet)



Um dos mais pittorescos trechos de Italia: O lago Maior.

Pelo Açores

ILHA TERCEIRA

A ilha Terceira, assim chamada porque foi a terceira descoberta pelos portugueses é uma das mais illustres terras de Portugal. A Terceira e os seus heroicos filhos andam ligados a paginas das mais brilhantes da historia patria; as causas da independencia e do constitucionalismo, a causa da liberdade, emfim, deve-lhe os mais assinalados serviços, os mais heroicos esforços, a mais nobre das dedicacões. Baluarte inexpugnável da liberdade lhe chamaram com razào, pois não ha terra de Portugal onde a liberdade tenha mais fervoroso culto.

A ilha Terceira é bastante acidentada, encontrando-se a O. as suas maiores elevações. Ha n'ela numerosos picos e crateras de vulcões extintos, que bem atestam a sua constituição geologica. Desses picos, os mais notáveis são o de Santa Barbara (1.066 metros de altura) com uma caldeira cheia de mato, na qual ha varios lagos; o pico das Contendas

e o Monte Brazil, consideravel cône de tufo, com o ponto culminante dos bordos da cratera a 210 metros de altitude e o fundo da cratera a 42 metros acima do nivel do mar.

Poucos paizes apresentarão em tão pequeno circuito, quanto a fenomenos geologicos, tantos vestigios de erupções posteriores á sua formação. Esses vestigios veem-se nas crateras, nas

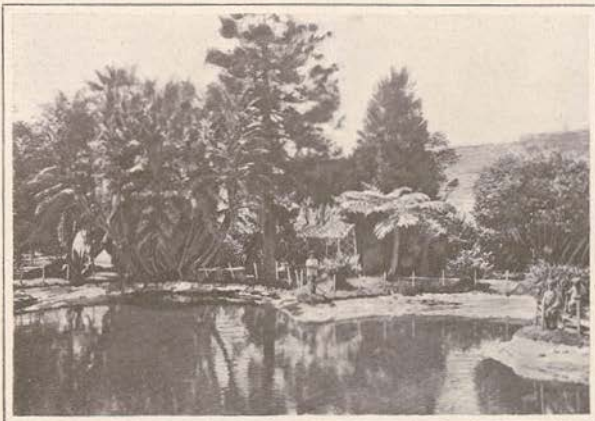
lavas da Feiteira e Porto Martins, onde se encontram grandes furnas subterraneas que os proprietarios aproveitam para adegas, e na freguezia dos Biscoitos, onde em abril de 1761 rebentou um vulcão, o unico de que ha noticia depois do descobrimento da ilha.

Os tremores de terra tem-na flagelado por vezes e destruido algumas das suas povoações. Os terremotos de 1614, 1761 e 1841 destruíram a Vila da Praia e outras povoações. Em junho de 1867, pre-

cedida cinco mezes de li geiros tremores de terra e algumas horas antes de um grande abalo houve uma erupção submarina a 5 kilometros a O. da ilha. O cône do vulcão não chegou á superficie, limitando-se o fenomeno á erupção de gazes e á projecção de pedras enormes e de grandes colunas de agua quente. A atividade d'este vulcão durou 8 dias.

*
A ilha Terceira, cuja população se

aproxima de 47.000 habitantes, divide-se em dois concelhos, o de Angra e o da Praia. O centro da ilha é occupado por uma grande extensão de terreno inculto — os celebres *baldios* que tem dado origem a graves questões — que dá hervagens que o povo aproveita em comum na criação de gado, não permitindo que ele se divida por freguezias ou se utilisse em cultura de maior trato.



1. Nasce Agua.—2. Interior do Castelo de S. João Batista.



Bezerros que vão ser mortos para um bodo da festa do Espírito Santo.

A cidade de Angra é a mais bela de todas as do arquipelago, especialmente pela regularidade das suas linhas geraes. Tem ruas planas, espaçosas e asseadíssimas e possui edifícios notáveis pelas suas tradições historicas, entre elles o palacio do Governo, onde se realisaram as sessões da Regencia do Reino e que em 1832 teve as honras do primeiro paço real portuguez por ser habitado por D. Pedro IV.

A 18 quilometros da cidade fica a historica Vila da Praia da Vitoria, com a sua admiravel baia e vastissimo areal. Foi ai que se feriu a batalha de 11 de Agosto de 1829, ganha pelas tropas liberaes contra a esquadra miguelista.

O povo terceirense é de excelente indole. Gente acolhedora, hospitaleira, bondosa, afavel. E sobretudo, gente feliz. Comquanto não seja a mais rica das ilhas do arquipelago, a Terceira, é uma terra abundantissima. Nunca se morreu de fome, ali, como em geral nos Açores. O mais pobresinho encontra sempre agasalho e protecção. A caridade é virtude larguissimamente exercida na Terceira, mercê do

espírito religioso do povo, manifestamente provado em muitas festividades durante o ano, que revestem grande brilho e pompa. D'estas as mais notáveis são, sem duvida, as do Espírito Santo, venerado em capelas especiaes, denominados *imperios*. Estes lindos e característicos festejos constituem a mais fraternal das manifestações. Nos domingos que decorrem da Pascoela á Trindade são distribuidos bodos de pão e carne em importancia superior a vinte mil escudos. Em frente e nas imediações de cada *imperio* formam-se alegres e vistosos arraiaes, n'uma animação communicativa, excepcional, que se expande em vivos e entusiasticos descantes á viola.

Parte integrante, infalivel, d'essas festas é a *tourada á corda* que, tudo leva a crêr, foi introduzida pelos hespanhoes. Consiste em corridas de 3 a 4 touros n'uma rua publica com limites previamente marcados pela autoridade. A fera vai presa pelas hastas a uma corda de 14 a 15 metros de comprimento, segura na extremidade por tres



Edifício da Camara Municipal



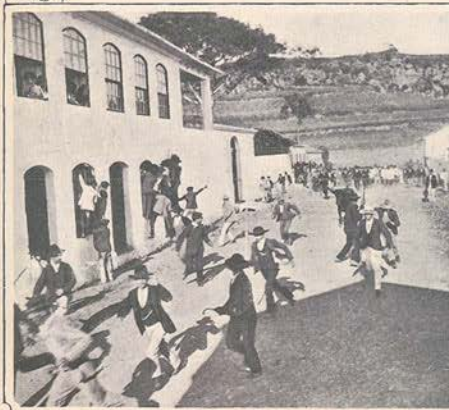
ou quatro homens escolhidos entre os mais valentes amadores, a cuja pericia se deve o não haver desastres. Quando o touro vai a marrear em algum aficionado, a corda é esticada e o animal estaca. Cs desastres nunca passam de bo-



S. Mateus da Calheta.



Terras de S. Pedro.



Tourada á corda.



Aspeto d'uma tourada á corda.



leos comicos que desper-
tam a mais franca garga-
lhada.

A tourada é o divertimen-
to predileto dos terceirenses.
Além das corridas em praça
fechada ha multissimas *d*
corda. Nos anos de eleições
geraes, então, o numero che-
ga a ser avultadissimo. E' a-
forismo corrente na Terceira
— *ano de eleições, ano de*
touradas. Quantos deputados
foram eleitos... á marrada!

As belezas da ilha Terceira
são muitas. A natureza foi
prodiga com esse abençoado
território. Comquanto hoje não
existam muitas das formos-
sissimas quintas que pertenc-
eram ás casas mais fidalgas



e ricas, muitas das
quaes atualmente são terras
lavradas, ainda ha algumas
formosas pelo pitoresco, lin-
dos pontos de vista, manan-
cias d'agua e cultura. Alguns
freguezia apresentam as-
petos verdadeiramente des-
lumbrantes, como a dos Bis-
coitos e Serreta, mormente
a primeira que os terceiren-
ses consideram a sua Cintra,
onde ha palacetes e chalets
de muita riqueza e bom
gosto.

Pelo seu commercio, indus-
tria, agricultura, flora e fama,
a ilha Terceira é uma das mais
importantes terras do emporio
portuguez; pelas suas bril-
hantissimas tradições, é por-
ventura a que mais amor e
carinho nos deve merecer.



1. Trecho da quinta do sr. Manuel Homem de Noronha.—2. A igreja do Colegio.—3. A Terceira (vista geral)

A Boneca de Paris

A boneca de Paris foi ao começo nas montras do Chiado apenas o bébé mudo que com uns olhos de contas pestanudos, vestida n'uma camisinha de cõr tentava as pequenitas tão rosadas e lateas como elas. Essas pequenitas foram as nossas mães que um dia ficaram muito surpreendidas de verem as suas filhas, os



uma petisita adorada. Continuou, porém, a evolucionar e um dia a boneca de Paris apareceu senhora em miniatura, foi como uma encantadora liliputiana seguindo todos os preceitos da moda e sendo já não o engodo das creanças mas o das proprias mulheres que nos seus corpitos esbeltos e minusculos estu-



seus mais adorados brinquedos, a pedirem-lhes uma boneca parisiense. Ela entretanto evolucionara. Os seus grandes olhos de contas moviam-se, a sua boquita vermelha falava. Apenas umas silabas é certo mas guinchava: Papá... Mamã... Depois tomara proporções; deitada no colo d'uma autentica ama podia confundir-se com uma creança. A boneca teve o seu leito grande,

o seu *toilette* o seu quarto, foi como

dam as surpresas da moda.

Não ha chapéu lançado em Auteil, vestido bizarro, capa extravagante, sapato da ultima forma, sombrinha bizarra, «port-bonheur» ideal que a boneca não use. Ainda mal Paris tem consagrado um uso já a boneca o arvora. Farta de fazer inutilmente de creança essa linda «coquette» achou um emprego. A boneca de Paris é o manequim.

Em vez de estar nos salões dos grandes costureiros como



essas outras bonecas vivas, ela é exportada para todo o mundo com os seus trajos da moda, com a sua cabeleira para figurar nas montras das perfumarias, vestida de ciclista, de tenista, de caçadora a dar a lei, parecendo dizer na sua imobilidade, na sua calma: Cornigo



altos espelhos dos seus quartos as formosas senhoras imitando ao vestirem-se essas pequeninas bonecas de Paris. Serenas, sorrindo, com os seus lindos olhos com os seus corpicos bem modelados elas são sempre o exemplo a seguir na verdade: algumas são de Saxe e nem por isso muito frageis.



é que se aprende!

Sendo uma coisa tão fragil e tão futil elas trazem consigo essa arte suprema que os dedos da parisiense transmitem a tudo quanto tocam e assim ao vel-as de pé parece sentir-se um espartilho modelando o seu corpo; sentadas as pregas das suas saias são tão corretas que se tem a impressão de ver diante dos



A gréve dos ferro-viarios

A gréve dos ferro-viarios continuou com alternativas tendo-se dado alguns factos por toda a linha que alarmaram

durante dias a companhia.

Além dos comboios descarrila dos proximo de Mafra e na Povoa duas bombas explodiram junto do tunel do Rocio não tendo causado mortes nem graves prejuizos materiaes.

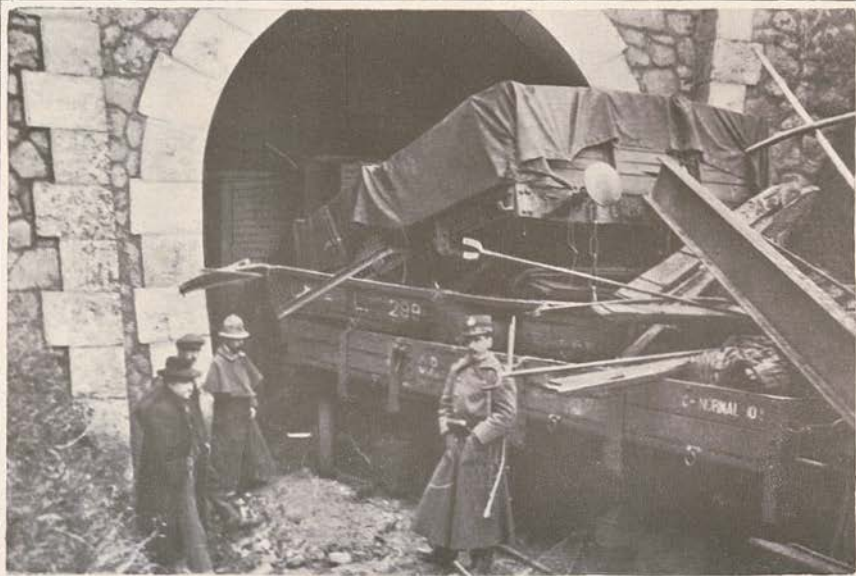
O sindicato ferro-viario reunido tentou sempre arrastar á gréve todo o pessoal sendo presos diante da estação de Santa Apolonia e no Entroncamento varios agitadores. Uma larga propaganda foi feita n'este sentido; os elementos grévistas não desanimaram mas a companhia conseguiu dentro em poucos

dias normalisar os serviços. Foram feitas as reparações das linhas com grande presteza assim como as dos postes

telegraficos, sendo logo restabelecidas as carreiras entre Mafra e Malveira e Entroncamento e Lamarosa cujas vias eram das mais prejudicadas.

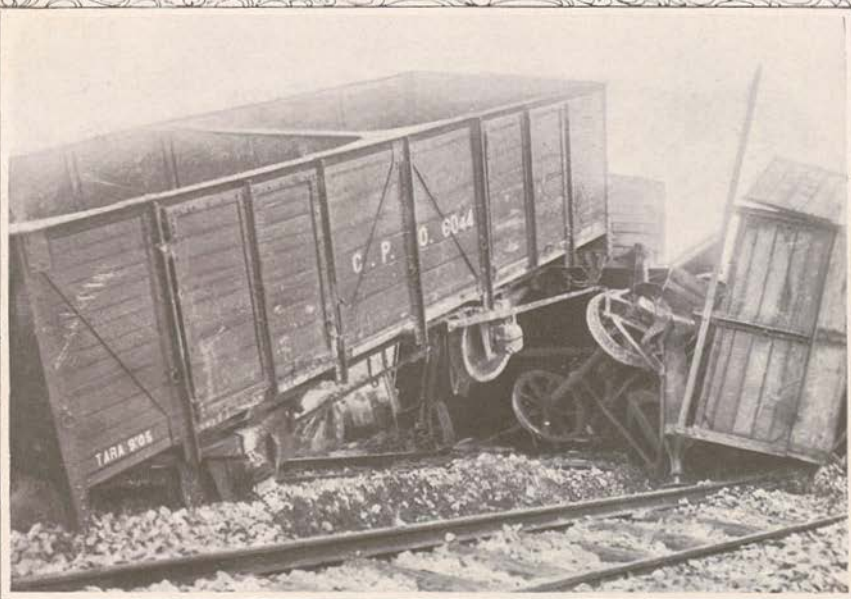
Ao mesmo tempo o duello continuava, tendo sido feitas mais tentativas de descarrilamentos nas inhas de Cintra e Cascaes isto pela obstrução das vias ferreas

sendo tambem dinamitada a ponte que fica proxima de Torres Novas. Tentaram-se ainda assaltos a comboios em Sete Rios e em Alcantara Terra e um individuo que pretendia danificar a linha foi atacado



1. Um aspéto da linha em Alcança, proximo de Mafra.

2. Tres vagons sobrepostos em consequencia do descarrilamento a saída do tunel em Xabregar



1. Em Aalcainça, perto de Mafra: Um vagão carregado de pipas de vinho que se voltou por ocasião do descarrilamento.

2. A linha na Povoa depois do descarrilamento

a tiro pela guarda fiscal. Forças de infantaria guardaram alguns pontos das linhas e a essa vigilância

se deveu em grande parte ser possível formar alguns comboios. Finalmente a greve terminou tendo o sindicato pedido a intervenção do governo para a readmissão do pessoal.

Figuras e Factos



Tenente sr. João Francisco Parreira.

Continuam os bravos soldados portugueses a sua obra de pacificação na Africa fazendo a penetração e construindo fortalezas que como o forte Arriaga seimpõem ao respeito do gentio. A coluna do tenente sr. David Magno em 1909 avassalara o Caculo Cahendo, o dembo maior, e estabelecera ali um forte que é um ninho d'aguia. O capitão de artilharia sr. Maia Pinto com alguns officiaes, entre os quaes se encontra o comandante do forte tenente João Francisco Parreira, tem conseguido maravilhosamente a pacificação e obediencia de toda a região. A capitania mór dos Dembos impõe-se, mas foram enormes os esforços para obter resultados que honram o nome portuguez.



Tenente sr. David A. G. Magno



O capitão sr. Maia Pinto comandante da coluna com o regulo e o seu sequito.

O tumulo de S. Francisco Xavier é uma das curiosidades de Gôa. Está no convento do Bom Jesus e é adorado não só pelos cristãos mas pelos indios.

Milhares de visitantes todos os anos afluem á velha cidade para o vêr, chegando a virem de remotos logares da India ingleza para se prostrarem diante do sarcophago precioso do apostolo.



Não só os cristãos e os indios assim procedem n'uma extrema devoção pelos restos do padre que levou até longes terras o nome de Portugal com uma temeridade sem par; os parses e mesmo os mouros não desdenham curvar-se diante da urna preciosa e sagrada cuja fama enche a India, como a encheu o nome do santo.

O tumulo de S. Francisco Xavier em Gôa.



ULTIMOS ECOS DO CARNAVAL



1. O menino Manuel Gonzalez, vestido de soldado hespanhol e menino Antonio Gonzalez, vestido de baturro



2. Algumas das creanças que concorreram ao baile infantil do Republica.

(«Cliché» Benolle)



3. A menina Maria Dulce Cortez, vestida de sacristão.



4. A menina Maria Gabriela dos Santos e Silva, vestida de gitana. — 5. As meninas Julietta Coelho, Fellsmina de Sousa e menino Ernani Coelho, vestidos de pinto, ma mequer e coelho. — 6. Os meninos Antonio Vilarinho, vestido de bombeiro e José Vilarinho, vestido de veterano.



7. O menino Jullo Alves Amado, de bispo e a menina Helena Alves Amado, de acolito. — 8. Um pintor do seculo XVII, o menino Alfredo Costa, afilhado do ator Joaquim Costa. — 9. Os galegos da bomba, os meninos Henrique Augusto da Silva e José da Silva. — («Clichés» de Benolle).



1. As meninas Fernãda Leitão Xavier e Raquel Leitão Xavier, de velhas.—2. O menino Carlos Jesus, de sargento.
3. Menina Maria da Conceição Vieira Correia, à moda do Miúdo.—4. O menino Antonio Correia Pereira.

No teatro da Trindade realizou-se em recita especial, que começou à meia noite de segunda-feira gorda, a representação de uma parte da «Viuva Alegre» por alguns elementos d'aquelle teatro nos mais engraçados «travestis» e tendo feito a protagonista o nosso colega Eduardo Fernandes (Esculapio) que parodiou engra-



A cena da «Viuva Alegre» em que entrou Eduardo Fernandes (Esculapio)

çadamente a heroína da celebre peça.

Além da animação nos teatros em varias salas particulares de Lisboa fizeram-se esplendidas festas pelo carnaval tendo entrado em uma d'elas com o exito de sempre a distincta professora de canto M.^{me} Angela Penchi Levy, o seu discipulo sr. Bizarro e o violoncelista Passos.



Aspêto da festa de Carnaval em casa do sr. Francisco Pacheco.
(«Clichés» de Benolle)



Foram sem duvida as creanças que deram ao Carnaval este ano esse ar gracil que os divertimentos das ruas não



tiveram. Diversos os trajes, adoraveis os rostosinhos, pitorescas as expressões a pequenada junta nos



1. Menino A. Martins vestido de vendedor d'O SEGURO.—2. Menina Maria da Conceição Dias Ramalheté, velha de capote e leuco.—3. Menina Alda d'Almeida Costa Pereira, vestida de coelhinho e uma engraçada lavadeira no baile do Republica.—4. Menina Maria Matilde Macleira Dias, vestida de argentino.—5. Menina Zulmira Correia Dias Saraiva Lima, vestida de circassiana.—6. Menina Maria Elvira Macleira Dias, de tocadora de pifano.



1. As sr.^{as} D. Maria Francisca Machado, D. Jeronima Rosa Machado, D. Joaquina Mariana Machado, D. Elvira Severina Machado e as meninas Joana Maria Machado e Sofia Alexandrina Machado, filhas do sr. dr. Bernardino Machado, vestidas á moda do Minho—(Cliché Vasques)

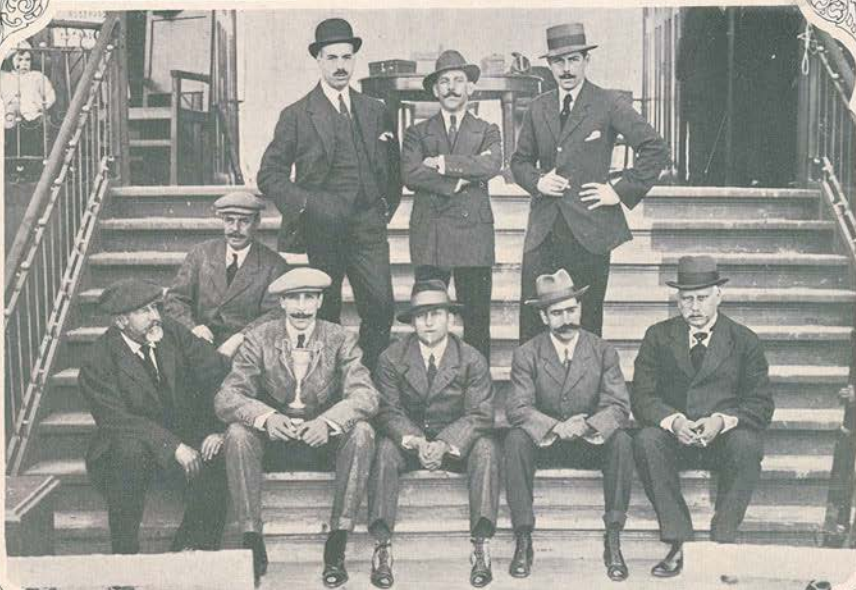
bailes infantis fez desabrochar sorrisos que os outros divertimentos não causa-

ram. Muitas d'essas creanças nos visitaram causando-nos um grande prazer.



2. Um telegrafista premiado no concurso Infantil da Tuna Torrejana.—3. O menino Guilherme Coelho d'Abreu, vestido d'oficial (Clichés do distinto fotografo sr. João Silva)—4. As meninas Eulalia da Silva, Leonora da Silva, Argentina Melo e Cremilda Melo, palhaço, apaches e ama.—5. Menina Maria da soledade Silva, a segunda classificada na Tuna Torrejana.—6. Menina Flavia Telxela, vestida d'argentino e que obteve um dos primeiros premios no Nacional.—7. Menina Ermelinda Silva, a primeira classificada na Tuna Torrejana—(Cliché do sr. João Silva)

Tiro aos pombos



Concorrentes que disputaram a taça José Antunes Monteiro. De pé: srs. Oliveira Soares, Alves do Rio, Salvador Alto Mearim; sentados: srs. Jorge d'Almeida Lima, Luiz Oliva Junior, vencedor, José Martins, Manuel Falcão e Antonio Pereira da Costa.—(«Clichê» Benolle).



Aspêto do campo de Pavalhá no fim do torneio.

(«Clichê» Garcez)

.. Figuras e Factos ..



Sr. D. António Mendes Belo, patriarca de Lisboa presidido a cerimonia das Cinzas na Sé Patriarcal

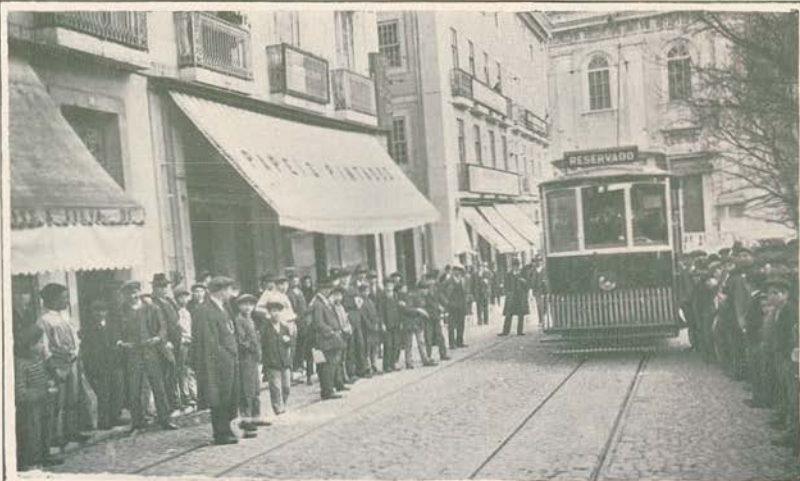


Sr. José Mendonça, distinto atractor civil e proprietario em Coruche, falecido n'aquella villa.



Sr. Marcos Lobato, conhecido sollicitador encartado, falecido em Lisboa.

O patriarca de Lisboa sr. Antonio Mendes Belo presidiu, entre os conegos da, Sé á cerimonia das Cinzas ali realisada e que decorreu com todo o brilhantismo e foi revestida d'uma enorme solemnidade tendo assistido grande numero de neis estando o vasto e antigo templo quasi repleto. Entre os assistentes viam-se senhoras da nossa melhor sociedade.

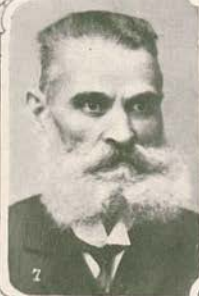


A experiencia dos electricos na nova linha da praça de Camões á Estrela

(Clíchés de Benoitel)



1. Sr. Joaquim Ferreira Junior, falecido em Alcanhões.—2. Major Hermano da Paixão e Castro, falecido em Coimbra—3. Sr.^a D. Quitéria Rosa Pereira Leite, falecida em Cabeceiras de Basto—4. Sr. Antonio Camilo Rodrigues, falecido em Cabeceiras de Basto.—5. Sr. Tomaz Vieira Ramos, falecido em Paço d'Arcos.—6. Sr. Antonio Tomé Feteira, falecido em Vieira de Leiria



Dr. Francisco Correia de Lemos, ex-ministro da justiça, falecido em Oliveira d'Azemeis.

O senador Correia de Lemos, que faleceu em Oliveira d'Azemeis, foi ministro da justiça do gabinete a que presidiu o sr. dr. Duarte Leite. Exercia a cargo de procurador junto da Relação de Lisboa, foi presidente da comissão parlamentar que dirigiu os trabalhos da redação da Constituição tendo sido também alguns anos juiz de direito n'aquella comarca.

O sr. Correia de Lemos pertencia ao partido democratico do qual era uma das mais prestigiosas figuras.

O general sr. Joaquim José Machado, novo governador geral de Moçambique, é um distinto e illustre colonial que governou já aquella possessão durante cinco annos com verdadeiro conhecimento da obra a realizar o que também demonstrou no governar a India. Não podia ser mais acertada a escolha do governo porque o general sr. Joaquim José Machado jamais deixou de se interessar por cousas colonias sendo o administrador delegado do caminho de ferro do Lobito, cargo que como os outros tem desempenhado admiravelmente.

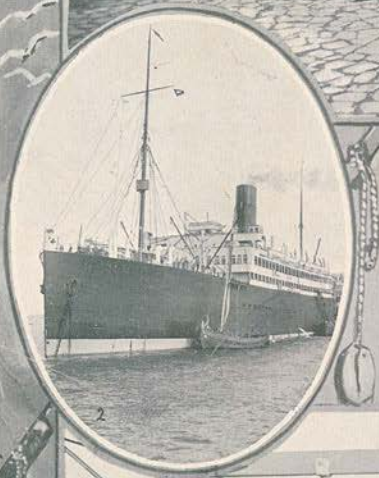


General sr. Joaquim José Machado, novo governador de Moçambique, como os outros tem desempenhado admiravelmente.



Depois d'uma pesca na ribeira na horta da Ponte do Barão, em Boliqueime; 1.^o plano, srs. José Manuel, menina Laranjinha, João Murta, menina Maria do Carmo, José Gonçalves da Cruz e Manuel Martins de Jesus.—2.^o plano, srs. Henrique do Nascimento Ramos, João Guerreiro, João Rodrigues de Passos, João Rodrigues Tronco, Antonio José Sequeira, Mateus Rodrigues da Silva, José M. Cardoso e Antonio Rosa.—3.^o plano, srs. João Guerreiro de Moura Lapa e Sebastião da Piedade Corpas.

Figuras e Factos



1. Os naufragos do *Eklipitka*.—2. O paquete *Ordna*

Os marinheiros do *Eklipitka* que naufragou no golfo de Biscaia e foram conduzidos a Lisboa pelo vapor *Wildenfls* estiveram aqui alguns dias seguindo depois para a Dinamarca, paiz da sua naturalidade, ficando apenas na capital o tenente von Lesser que dentro em pouco continuará a sua viagem de recreio.

Os naufragos mostraram o seu grande reconhecimento á equipagem do barco alemão que os salvou e ao consul da Dinamarca que lhes proporcionou em Lisboa todas as comodidades.



3. O comandante, imediato do *Ordna* e os agentes srs. Pinto Basto e sua familia a bordo d'ste belo barco que faz parte do grande sindicato da navegação.

(«Clchés» Benolle)

Duas festas de caridade



A sessão da Junção do Bem

Duas simpáticas festas de caridade se realizaram ha dias na Junção do Bem e na Assistencia de Santa Izabel, tendo sido n'esta ultima sociedade inaugurada uma exposição de trabalhos das educandas. A sr.^a D. Lucrecia d'Arriaga, esposa do chefe do Estado, presidiu á sessão solene sendo muito festejada pelas alunas. A' sessão da Junção do Bem presidiu o sr. dr. Manuel d'Arriaga.



2. A sr.^a D. Lucrecia d'Arriaga, esposa do sr. Presidente da Republica, saindo da Assistencia de Santa Izabel e o sr. Roque Arriaga despedindo-se do sr. Governador civil.—3. As creanças da Assistencia de Santa Izabel.—(Clichés de Bœnicke)



Os Teatros

«A CASTA SUZANA»

No teatro Avenida—

Palmira Bastos

Esta Suzana, premio de castidade e adoravel frequentadora do *Moulin Rouge*, era já do nosso conhecimento e do conhecimento do publico do Avenida. A peça é, mais ou menos do que uma opereta, um *can-can* em tres actos. O seu interesse reside, sobretudo, em que, com a sua malicia estonteante, com a sua delirante exhibição de pernas e decotes femininos, com o seu ar canalha e com a sua pontinha mordente de satira, o *vaudeville* é capitoso e ligeiro como uma taça de *Champagne*. Ao lado das coisas libertinas que nos oferece todos os dias o teatro moderno, principalmente o francez, a *Casta Suzana* não é uma imo-

ralidade—mas tambem não é peça recomendavel ás pessoas de moralidade muito suscetivel. E', como diremos?, uma peça... em gabinete reservado. Pode fazer corar—mas não compromete as meninas delicadas que saboreiam Feydeau no Ginasio e Hennequin e Weber no Republica.

D'esta vez, porém, a *Casta Suzana* não nos trouxe sequer a novidade da sua malicia, com a qual já nos familiarisára a atriz Cremilda de Oliveira. Trouxe-nos, apenas, o prazer de admirar, no endiabrado impudor da protagonista, o pudor da figurinha de Saxe da sr.^a D. Palmira Bastos—e a originalidade de uma cabeleira satânica a realçar os seraficos encantos d'esta delicada atriz.

A. DE C.



«A Casta Suzana» em cena no teatro Avenida: A distinta atriz Palmira Bastos e os actores Amarante e Almeida Cruz.—(Clichés de Benoitel)

Uma hernia curada

Sem operação

Curar maravilhosa do Sr. Dr. Pimental, de 76 annos, com uma hernia de trinta annos

A vantagem da perfeição na cura das hernias por mais difficil e mais antigas que sejam, sem a menor difficuldade, não causando ao paciente e a mais pequena dor, nem perigo, assim como sem perda de tempo nas occupações diarias, e alcançada pelo methodo do Dr. W. S. Rice (S. 587), 9, St. Saviour Street, Londres, E. C., Inglaterra. Com elle não ha precisão de lanceta e o tratamento é enviado directam.nte a casa dos pacientes, trazndo consigo immediato conforto, commodidade e alivio.

O Sr. Dr. A. C. Pimental, o qual esteve herniado durante 30 annos, e experimentou todas as fundas mais conhecidas, decidiu tratar-se pelo methodo de Rice apesar da sua avancada idade (73 annos) resultando curar-se agora por completo, não fazendo uso algum de apparatus. Este sr. diz-nos «Estou perfectamente curado da hernia, d' que vinha soffrendo desde trinta annos, não fazendo uso algum da minha funda e a hernia nunca mais voltou a apparecer. Não me é possivel encontrar a abertura da hernia o que prova que a cura está completa. Isto é verdadeiramente extraordinario e eu não encontro palavras com que possa exprimir a minha admiração por uma tão maravilhosa descoberta. Todos os fabricantes de fundas dizem que curam a hernia, mas eu que experimentei os mais conhecidos apparatus de todas as parts do mundo sei perfectamente que elles não curam. Estou convencido de que o unico meio digno de confiança para a cura da hernia sejam recet. s ou antigas e o maravilhoso methodo de Rice. O Dr. Rice pode estar bem orgulhoso de si proprio e eu afirmo que elle é o unico especialista do mundo que conseguiu descobrir o meio de cerrar para sempre a abertura herniaria.»

Que mais provas de convicção se devem pedir, depois que uma personalidade medica se declara radicalmente curado e mostra o verdadeiro meio para a cura da hernia está descoberto.



Sr. Antonio dos Santos

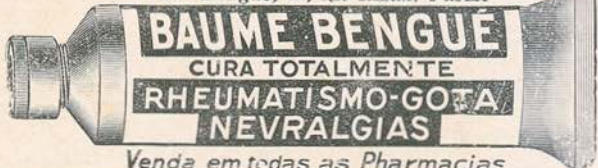
Entre outros que se curaram com o methodo de Dr. Rice estão Sr. Antonio dos Santos, Travessa de Froses, 21, 1.ª, Santa-tem, o qual estava herniado ha já cerca de 6 annos (veja a photographia) curado aos 75 annos de idade, o sr. F. Ortega, calle Naba, Belm-z P, de Cordoba, Hespanha, curado de uma hernia - scrotal de 30 annos e o sr. F. Merino, R. de Tatob y, 77, Rio Grande do Sul, Brazil, herniado ha 35 annos.

E' pois de maior conveniencia que as pessoas de ambos os sexos padecendo de hernia escrevam ao Dr. Rice pedindo uma copia do famoso livro, descrevendo detalhadamente o seu methodo de cura de todas as hernias por mais difficil e graves que sejam, tanto será enviado gratuitamente uma amostra de seu methodo, pois que o seu maior desejo é que todo o paciente desta terrivel doença conheça o maravilhoso remedio que cura sem dor e sem perigo, sem operação nem perda de tempo de trabalho. Não esperem mais, escrevam immediatamente.

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, orna, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brachura gratis, em portuez, do professor YTALO, 35, Boulevard Bonne-Noue Nr. 35 - P. 4.1.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19

BROUILLARD



O passado e o presente e prez o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios, pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologias e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem precise a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe realizaram. Fala portuez, francez, inglez, allemã, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, Rue d'Armes, 1.º andar - LISBOA. Consultas a 15000 rs., 25000 e 50000 rs.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS FIZEM-SE NAS OFFINAS DA "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA" RUA DO SEculo, 43 - LISBOA

POUDRE GERMANDRÉE Secret de beauté

Pour embellir, soigner, honorer adhérence absolue et discrete Parfum local

MIGNOT-BOUCHER Parfumeur et Cosmétique PARIS

FRIO da BELLEZA

PÓS para embellezar a cutis.
PÓS em folhas adherentes em forma pratica.
CREME para preservar e suavizar a pelle.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS ELEGANTES DE PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
17, Rue Vivienne, Paris

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima

resposta limitada

CAPITAL:	
Ações.....	360.000.000
Obrigações.....	323.910.000
Fundos de reserva e amorti- sacão.....	266.400.000
Reis.....	950.310.000

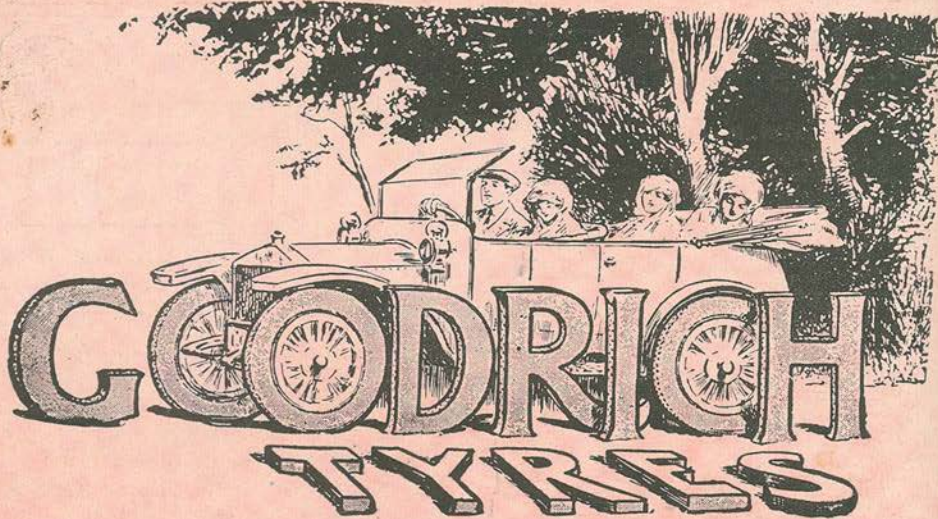
Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermo (Lousã), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoem dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espedaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do país e é fornecedor exclusivo das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.



E' O PREFERIDO PELO VERDADEIRO SPORTSMAN

Todos os automobilistas que teem experimentado

o

Pneu Goodrich

não querem mais outra marca

porque a sua **QUALIDADE**

justifica a sua devisa

SUPERIOR ao MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.^{da}, Rocio—LISBOA

ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa

Marta—LISBOA

MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, 11—PORTO

ANTONIO FERNANDES & FILHOS—COIMBRA

SIMÕES & FLORIVAL—EVORA

ZENHA & C.^a—BRAGA

JOSÉ MARIA DIONIZIO JUNIOR—VIZEU

AUTO GARAGE GOUVEENSE—GOUVEIA

AUTO GARAGE—COVILHÃ

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES—ELVAS

COELHO & BRANDÃO—VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Rua 1.^o de Dezembro, 82, 2.^o—LISBOA